

EDITORIAL

A arquitetura escolar vem sendo contemplada pelas novas tendências da Historiografia da Educação, que emergiram nas últimas décadas. Ela geralmente é pensada a partir das reformas educativas e relacionada às reestruturações urbanas implementadas em diferentes momentos históricos. Pode-se colocar o foco sobre os prédios dos colégios da primeira modernidade, vinculados às igrejas protestantes ou às congregações católicas, ou nos grandes salões onde, desde fins do século XIX, era colocado em marcha o método lancasteriano/mútuo. É especialmente instigante analisar o formato arquitetural das escolas graduadas, que se disseminou pelo mundo e naturalizou a escola no imaginário contemporâneo. É curioso, enfim, procurar compreender a revolução espacial operada pelos educadores escolanovistas, como Maria Montessori e Célestin Freinet.

O mote deste número da Linhas-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC é a arquitetura escolar em perspectiva histórica. Nesta direção, a entrevista que integra esta edição, concedida a Marcus Levy Bancostta, é com a doutora Anne-Marie Châtelet, tendo como título “Diálogos sobre a História da Arquitetura Escolar”. Châtelet, professora da Escola Nacional Superior de Arquitetura de Universidade de Strasbourg, faz análises instigantes sobre períodos marcantes da arquitetura escolar na Europa, com destaque para os prédios das escolas primárias na Terceira República Francesa e as Escolas ao Ar Livre. O dossiê temático « História, Arquitetura e Educação » é organizado pelo professor doutor Marcus Levy Bancostta – um dos principais especialistas brasileiros sobre arquitetura escolar. Ele reúne artigos de estudiosos europeus e americanos que abordam as relações complexas e intrigantes entre modos de educação e seus espaços na Antiguidade e, especialmente, entre o final do século XIX e meados da centúria seguinte.

Este número da Revista Linhas também publica cinco artigos que abordam diferentes e desafiantes questões. Em « Revisitando a autodireção na aprendizagem: atributos e características do educando autodirigido », Sônia Mairos Nogueira tece considerações sobre o auto-governo na educação contemporânea. Dois artigos focalizam mulheres de classes populares. Danielle Gross de Freitas reflete sobre as leituras possíveis das fotografias de mulheres, que frequentaram escolas profissionais, em São Paulo, na primeira metade do século XX. Isaura Isabel Conte procura compreender trajetórias de mulheres camponesas que

romperam a subalternidade e tonificaram mecanismos de empoderamento. No artigo « Um patriotismo são : lições de História para a escola primária : um estudo na série de leitura graduada `Pedrinho` de Lourenço Filho (décadas de 50/70 do século XX) », Maria Teresa Santos Cunha revisita a série de leitura para o antigo curso primário elaborada por um dos principais introdutores da Escola Nova no Brasil. E em « Contracultura escolar no Colégio de Aplicação da UFSC (1966-1973), Ademir Soares Luciano Júnior e Norberto Dallabrida colocam o foco sobre aspectos inovadores e democratizadores da cultura escolar de uma escola vinculada a uma universidade federal durante o regime militar. Ademais, a resenha de Adriana Aparecida Pinto sobre o livro “História dos Métodos e Materiais de Ensino: A Escola Nova e Seus Modos de Uso” é muito oportuno e nos convida a ler a última publicação de Vera Teresa Valdemarin sobre o escolanovismo e suas apropriações no Brasil.

A entrevista e o dossiê temático sobre a arquitetura escolar, bem como os diversos artigos e a recensão crítica que compõem este número da Revista Linhas são um convite à leitura fluente e proveitosa.

Norberto Dallabrida
Editor-chefe